

## RELATÓRIO

### Intercâmbio sobre Educação Feminista à Distância na América Latina

13 de abril de 2019

“Feministas não nascem, mas se constroem.”

bell hooks

O SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia realizou, em parceria com a Universidade Livre Feminista, um intercâmbio sobre Educação Feminista à Distância (EAD) na América Latina, em Olinda/PE. O intercâmbio fez parte da programação do Encontro da Rede de Colaboradoras, realizados nos dias 13 e 14 de abril de 2019. O objetivo foi promover um momento de diálogo e reflexão sobre a pedagogia feminista na modalidade de Educação à Distância, a partir das experiências de formação da Universidade Livre Feminista, da organização *Cotidiano Mujer*, do Uruguai, e CISCOSA - *Centro de Intercâmbio Y Servicios para el Cono Sur*, da Argentina. Além das integrantes da Rede de Colaboradoras, o encontro contou com a participação de educadoras da Rede de Mulheres Negras do Nordeste e de militantes do Fórum de Mulheres de Pernambuco.

#### 1. Universidade Livre Feminista

Foi feito um resgata da construção, princípios, objetivos, estrutura e os processos de formação virtual e presencial, realizados ao longo dos dez anos de existência. Ela destacou que a identidade da Universidade Livre Feminista tem a ver com a educação feminista à distância e se orienta por um feminismo antissistêmico: anticapitalista, antirracista e antipatriarcal. O suporte ao projeto é feito pelas organizações feministas: CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria, SOS Corpo Instituto para a Democracia e Cunhã Coletivo Feminista, cujas representantes compõem a Coletiva Dinamizadora. Outros espaços de construção da Universidade Livre Feminista são a Rede de Colaboradoras e a Secretaria da Universidade.

A Universidade está presente na internet através de vários canais e redes sociais: Vimeo, YouTube, Instragram, no Facebook e Twitter, site etc. Temos produzido vários textos sobre os cuidados de segurança digital, tendo como uma dos principais resultados um guia de segurança digital feminista.

**O que é a pedagogia/metodologia feminista?** Metodologia busca adaptar para o ambiente de educação à distância uma prática entre o virtual e o presencial. Uma prática que dialoga com a educação popular. A gente quer borrar estas fronteiras. Outra forma de fazer a educação.

## **Princípios:**

Reconhece as condições de vida das mulheres, que precisam lidar com múltiplas formas de desigualdades, duplas jornadas; que valorize as experiências e vivências de cada mulher e que valorize os conhecimentos individuais que cada uma traz para estes processos de educação feminista. Nossa perspectiva cultiva o afeto no mundo virtual, que elas se sintam parte dessa comunidade e desenvolvam um sentimento de pertença; que as participantes se sintam acolhidas e sejam vistas na sua integralidade; pretendemos ajudá-las na superação de obstáculos tecnológicos e apoiá-las a reconhecer as múltiplas formas de opressão e dominação que as mulheres venciam, que estão também nos processos de educação sofrem e isto onera a participação das mulheres nestes espaços; reconhecer as diferenças e desigualdades que existem entre as mulheres.

Na metodologia, o conhecimento é entendido como uma construção coletiva na perspectiva de construir o diálogo; não nos propomos a ensinar, mas construir juntas novos conhecimentos. Nestes espaços todas possam se apropriar dos conhecimentos e construir novos conhecimentos. É importante que cada uma se apresente, participe e elabore. Buscamos promover o encontro entre o pensamento pensado e o pensamento pensante.

**Cursos semipresenciais** – a última modalidade da EaD os cursos foram realizados em parceria com coletivos de mulheres em diferentes localidades do Brasil. Na plataforma temos um espaço comum, onde todos os coletivos podem colocar suas questões. Os cursos semipresenciais com os coletivos foram um grande achado, uma conquista nossa. Conseguimos superar a média de participação de turmas na EaD, reduzir o índice de evasão.

O primeiro curso semipresencial foi o curso “Feminismo com quem tá chegando”. Atualmente estamos realizando o curso “Política feminista e transformação social”, em parceria com 12 coletivos.

**Cursos virtuais** são desenvolvidos na plataforma *Moodle*, com acompanhamento diário de educadoras feministas. Foram realizadas: duas edições do curso “Trilhas feministas nas políticas públicas; duas edições do curso “Reflexões feministas sobre o sistema político”; e Feminismo e cotidiano; três edições “Feminismo pra quem tá chegando”.

**Cursos autogestionados:** coletivos utilizam o curso/metodologia de formação nos locais. Se uma organização deseja fazer sua própria formação, compartilhamos espaço na plataforma e toda a metodologia e materiais para elas. Apesar de a Secretaria Executiva dar todo o suporte na montagem do curso, aqui não há acompanhamento de educadoras da Universidade Livre Feminista.

**Diálogos virtuais** – para a reflexão sobre problemas e questões relevantes na agenda feminista. Reunimos ativistas engajadas nessas questões que tem suporte real no movimento feminista. Alguns diálogos realizados: 1. autocuidado e cuidados entre ativistas; 2. conjuntura política e ofensiva conservadora – fundamentalismo; 3. arte e ativismo; 4. feminismo antirracista e feminismo negro; 5. Impacto da contrarreforma da previdência nos direitos das mulheres.

## 2. Cotidiano Mujer – Uruguai - Curso “Ecofeminismo”

Modalidade? Educação à Distância. Realizado em 2018 com mulheres de Montevidéu e de outros países da América Latina.

O curso virtual foi realizado na Plataforma Moodle e a cada semana havia um fórum de discussão, porém a participação não era obrigatória. O fórum era um espaço para as estudantes se apropriarem da plataforma, se identificarem e fazerem perguntas. O curso foi completado com uma **oficina presencial**, de que também não era obrigatório participar.

Teve como duração dois meses (oito semanas) e os conteúdos foram articulados em **quatro módulos virtuais**, cada um com uma semana de duração. Ao final de cada módulo, era solicitada uma tarefa escrita às estudantes. Eram oferecidas duas opções de perguntas para que elas escolhessem e se sentissem mais cómodas para responder. O mais importante nas tarefas era baixar um conteúdo aprendido da vivência de cada uma. Isso era para valorizar os conhecimentos próprios de cada uma e também motivar o exercício teórico aprendido do curso com o cotidiano.

**Sobre o perfil das pessoas que completaram o curso** - A maioria das participantes que finalizaram o curso estava entre **30 e 40 anos** de idade. Participaram também pessoas entre 21 a 30 anos e percentagens menores de 20 anos e de 50 anos. Em relação à procedência, a maioria era de Montevidéu e uma percentagem menor era do interior de Uruguai. Participaram mulheres de outros países de América Latina (Brasil, Argentina e México). Sobre a participação militância/inserção, engajamento político, as participantes eram feministas e ambientalistas, sendo que a maioria se identificava feministas do que como ambientalistas e poucas não participavam de nenhuma destas duas referências. As educadoras fizeram um processo de avaliação do curso, aplicando um questionário (formulário anônimo), enviado às pessoas que concluíram o curso e também para aquelas que não terminaram porque se queria saber por que elas não conseguiram finalizar o curso. Deste total de pessoas, 37 responderam ao formulário.

### Resultados da avaliação.

**1. Participação** - 67 mulheres inscritas no curso chegaram a concluir apenas a primeira tarefa. Destas 38 concluíram o curso, ou seja, houve uma perda de 43% das pessoas inscritas no curso.

**2. Adequação dos Conteúdos:** a maioria declarou que o conteúdo foi bom e destacou que o curso estava bem estruturado e organizado.

**3. Fichas de leituras:** a segunda pergunta foi voltada para as fichas de leituras - a cada semana as participantes recebiam uma ficha de leitura. Nessa ficha de leitura se fixava o objetivo da semana e dava uma biografia curta das autoras com uma foto e indicava a bibliografia obrigatória, contendo no máximo 30 páginas para leitura por semana. De cada texto, indicávamos os objetivos (as informações que esperávamos encontrar neste texto). Também se indicava as leituras complementares e cada uma com seus objetivos sinalizados. Por que este tema? Por que este conteúdo? Por que esta leitura?

### Pontos Extraídos dos Formulários:

**Sobre a utilidade das fichas** –ajudaram a organizar os tempos e priorizar as leituras; davam contextos aos textos no esquema mais geral de visualizar de antemão a razão de cada leituras;

permitiram conhecer a biografia de cada autora ajudando a interpretar os materiais contextualizando-os por todos os conhecimentos.

### **Conteúdos teóricos**

Quanto à qualidade e variedade de conteúdos, tentou se priorizar textos de autoras da América Latina e também do Norte. As participantes destacaram que houve boa seleção e um bom ordenamento dos temas para poder processar cada um ligando a outros anteriores. A maioria qualificou os conteúdos como excelentes. Sobre os recursos pedagógicos se mesclou os materiais escritos e audiovisuais. **Foram incorporados vídeos (Youtube)** para complementar as leituras e facilitar para muita gente que não tinha muito tempo para as leituras. A maioria avaliou que os materiais audiovisuais foram complementares e muito úteis para entender os textos.

### **Tarefas**

As participantes afirmaram que as consignas foram claras e amplas para as tarefas. Os conteúdos eram articulados com o cotidiano e com as experiências pessoais. O caráter pessoal das avaliações gera a reflexão desde a experiência das alunas. (vincular aspectos pessoais com o teórico e com o cotidiano). Quanto **ao tempo de realização das tarefas** foi amplo e flexível. Tinha-se um prazo de duas semanas para organizar as leituras e, quando algumas se atrasavam, escrevíamos para elas sempre motivando-as para fazer a tarefa. Algumas precisavam de mais tempo, sobretudo, para as leituras complementares, por isto tínhamos flexibilidade nos prazos. A maioria dizia que o tempo pareceu adequado. Elas destacaram também a importância do **Encontro Presencial**, como complementar: “Encontro presencial foi importante para humanizar os espaços, favorecer o intercâmbio entre as participantes, ordenar ideias e debater novas ideias”.

### **Sugestões para próximos cursos**

Ainda no formulário perguntou-se sobre o que era preciso melhorar. Em relação aos **Conteúdos**, as participantes sentiam necessidade de aprofundar as referências teóricas acerca do Ecofeminismo na A.L e suas principais autoras. E ter uma distribuição mais homogênea da quantidade de leituras. E sobre a **Plataforma Moodle**, algumas relataram sobre a dificuldades para participar dos fóruns. A dificuldade para encontrar alguns conteúdos: como entrar e como escrever. Era um pouco confuso. Para a segunda edição do curso (que estamos preparando agora), estamos colocando um fórum específico (pergunta provocadora) para cada semana.

### **3. CISCOSA - Centro de Intercambio Y Servicios para el Cono Sur - Argentina - Curso de capacitação sobre violência com agentes policiais.**

CISCOSA é uma organização que trabalha com cidadania as mulheres, direitos a uma vida livre de violência nos espaços públicos, direitos da mulher à cidade. Cisca, na sua trajetória de trabalho tem utilizado o componente virtual em vários projetos. É uma ferramenta virtual para o trabalho de Cisca em diferentes fatores e não somente para mulheres feministas. Temos transitado com esta questão de capacitação virtual em diferentes fatores. Cisca faz parte da Articulação Feminista MarcoSur – AFM. Cisca atua com outras articulações e coletivos na luta pelos direitos das mulheres à cidade e territórios e com o tema de violência contra as mulheres nos espaços públicos na América Latina.

A organização tem experiência com a educação virtual à distância, porém não tem um espaço de reflexão sistemático e coletivo sobre o que esta ferramenta significa desde uma perspectiva feminista. Conversamos quando estamos preparando o curso sobre o que é isto, como é aquilo, porém não temos feito uma reflexão coletiva. Quando recebemos o convite para participar do intercâmbio, a princípio, dizemos não, não vamos lá, porque não temos nada a dizer. Então, nos perguntávamos por que não tínhamos uma reflexão coletiva, se temos usado uma ferramenta há dez anos? A equação sobre tempo e recursos, quando temos recursos não temos tempo para refletir. Ao mesmo tempo quando não há recursos na instituição, tampouco temos gente com vontade para refletir sobre isto, porque temos que comer, sobreviver e isto é nossa força de trabalho. Nossos espaços de trabalhos estão atravessados por um contexto neoliberal e não somos apenas nós que estamos trabalhando de forma precarizada, com muitas atividades que nos exige muito mais. A quem nós construímos e destinamos este curso estão também estão na mesma situação.

O primeiro curso descendente de Ciscsa começou em 2009 em um marco de projeto. Programa regional “Cidades sem violência contra a mulher: cidade segura para todas e todos”. Era um projeto enorme que abarcava vários países e a gente do interior e era um curso pago [à organização], que foi implementado pela Rede Periódica, pelo Centro de estudos urbanos e regional. E organismos científicos e técnicas – relacionado a pesquisa.

A formação à distância foi feita na associação a outras atoras que manejavam com a educação virtual e em uma plataforma Moodle, sempre fizemos com outra organização. Tivemos que mirar os temas de Ciscsa. Não há nenhum tipo de registro dessa experiência. Faz dez anos e com a fluidez destes espaços onde se movem as experiências, não há nada registrado. Há uma **necessidade de registrar e sistematizar nossas experiências**. Precisamos **construir uma memória** porque temos provado que em dez anos não se tinha nada registrado, em nenhum livro. Este curso estava destinado a todas as pessoas interessadas em construir uma prevenção a violência urbana nos espaços públicos. Neste projeto mais amplo, as pessoas signatárias eram agentes estatais e organizações civis e pessoas que estavam interessados neste tema. E a ideia era ter uma ferramenta de políticas.

Quando pensamos em que experiências iríamos levar e como podemos levar. Pensamos em um curso que tenha conteúdo feminista, proposto por uma organização que se entende como feminista e que ingressa com uma Formação Feminista à Distância, quais são as condições que nos fazem oferecer um curso feminista? Tem que estar destinada a mulheres feministas? Tem que ter quaisquer particularidades ou simplesmente ter conteúdos feminista é suficiente? É sobre isto que temos sistematizado.

### **Curso de formação feminista a à distância destinado a policiais**

Este curso tinha um componente virtual e foi realizado em duas partes: a primeira uma capacitação de conteúdos e o outra sobre programa de assistência técnica de onde se transferia boas práticas. O curso fazia parte de projeto Trafam (Colômbia, Chile), em que também se incorporaram polícias de Guatemala e Argentina para aplicação de controle de violências por atores policiais. Trabalhamos com organizações de mulheres e instituições policiais. Era necessário capacitar, na perspectiva feminista, os atores policiais que atendiam as mulheres que chegavam nesta situação. Não se trabalhou com toda policia de Chile, mas com quem fazia as intermediações dos policiais de investigação de Chile, com os segmentos que atuavam com a chefia e também, me pareceu a mim, que era outro contexto, no país, no ano

de 2013, uma polícia é polícia em todo tempo, em toda época. Assim podíamos planejar para todo contexto, tínhamos que pensar em uma transformação das práticas policiais. No caso de Argentina, ingresso com curso virtual, não podíamos trabalhar com policiais de Córdoba, pelas mesmas características que temos no momento (?). Recorremos a uma Universidade de Santa Maria, a qual fez uma candidatura onde se ingressavam policiais e a seleção dos docentes, que trabalhavam na perspectiva de gênero, selecionaram quem estavam embasados. Não trabalhamos diretamente. Tivemos **389 participantes** no curso virtual e que depois foi sistematizado com a colaboração dos policiais.

**Capacitação de assistência técnica**, outra parte do curso destinado aos policiais, e estava voltado para os conhecimentos de ferramentas técnicas. No processo de seleção das participantes policiais, perguntávamos sobre o conhecimento e manejo da Plataforma Moodle; Se apelava para as experiências/vivenciais e se tratava de apelar às estratégias que trazia o monitor para que se sentira de alguma maneira parte do processo. Sobre os materiais, a cada semana eram enviados os conteúdos e, sobre os horários, tínhamos que ser amigáveis com a quantidade de conteúdos.

Uma coisa muito forte, que se replicou, foi um curso que fizemos **destinados às mulheres feministas**, que foi sobre experiências com manejo de ferramentas tecnológicas. Muitas vezes se tinha experiência, mas que não contavam com máquinas adequadas. Apelamos ao formato de vídeo. O suporte de leitura não era o principal, mas o vídeo era o principal suporte e o complemento era o aspecto escrito (textos curtos).

Dificuldades de capacitações não alcançamos, porque tínhamos muitos policiais capacitados. Começamos a ter demandas neste território que a gente não podíamos dar conta. As mulheres policiais solicitavam que nós fizéssemos uma investigação no interior das instituições policiais, sobre as violências que elas mesmas sofriam no interior das instituições policiais.

**A terceira experiência virtual**, recente, foi direcionada a debates feministas em um projeto com União Europeia/AFM, que era um módulo de quatro semanas com tema sobre práticas feministas no contexto latino-americano. Eram feministas de todo o mundo, da Espanha, de todo a América Latina e, muitas vezes, não estavam identificadas, porque não podíamos fazer o perfil e por isto não sabíamos quem eram. As professoras de cursos virtuais eram de uma organização (Madre Terra). Era um modo de construir formas de trabalhos coletivos e construção de alianças e redes. Tivemos 150 pessoas inscritas na plataforma, 75 interromperam o curso e 243 foram realizadas intervenções.

São diferentes capacitações e diferentes atores. A partir das experiências abordamos a investigação qualitativa.

Todos os conceitos são construídos a partir das organizações que realizam as experiências e debates. Trabalhamos com diferentes narrativas, linguagens, saberes, por exemplo, sobre o conceito de extrativismo. As diferentes narrativas das práticas/experiências dialogam com as narrativas acadêmicas. A ideia de recorrer aos vídeos e os conteúdos teóricos, de alguma maneira, busca articular as práticas das pessoas com as que produzem conhecimento na América Latina. Isto não significa que não vamos utilizar conteúdos de outras mulheres, que vem do norte, mas precisamos compreender como são construídos os conceitos desde nossa região. Os conceitos sobre extrativismo ou sobre fundamentalismo vão sendo compreendidos de forma diferente, de acordo com diferentes realidades, contextos e se expressam de forma

diferente em determinados territórios. Como vamos incorporando todos estes diálogos e conceitos em diferentes em nossos territórios?



## Síntese das apresentações/questões provocadoras

Os desafios sobre estas experiências: o que elas têm em comum ou diferentes? O que elas nos questionam a cerca da Educação feminista realizada a distância, realizada em Ambiente virtual? As dificuldades que nós temos para adaptar a Educação Feminista para o ambiente virtual pra fazer este trabalho à distância. É claro que a Educação feminista, você pode chegar até ela através de vários elementos. A gente pode se perguntar:

### 1. O que define uma Educação Feminista?

- É o público? Em sermos mulheres ou sermos feministas?
- É a entidade realizada ser feminista ou aquela companheira que está responsável pela condução do curso ser feminista?
- É o conteúdo? O tema, visto a partir da ótica feminista?
- Ou é a pedagogia, modo de fazer, as metodologias utilizadas, sejam metodologias feministas?

**2. Corporeidade:** Em qualquer uma dessas áreas ver a dificuldade de traduzir, o que nós conseguimos fazer presencialmente e o que nós conseguimos fazer através da internet. Por exemplo: Na Educação presencial, a gente trabalha muito com **vivências**; com o apelo a **corporeidade**, presentificação do corpo e a expressão corporal, a **emocionalidade**. **Como a gente pode pensar isto em ambiente virtual?**

**3. Participação/interação.** A gente trabalha na formação presencial muito com os elementos da participação que não tem a ver só com cada indivíduo participando em relação a pessoa que está na posição de educadora, mas a participação que integra e articula vários olhares entre si. **Como é isto no ambiente virtual?**

Nas experiências no Brasil, a gente tem esta dificuldade muito grande de que as pessoas falem entre si e considere o que a outra esta abordando para dialogar. Muitas vezes, dialogam com o vídeo, com o texto e com qualquer questão provocadora. **Como fazer disso um espaço de elaboração coletiva, parece mais desafiante do que no ambiente presencial.**

**4. Problema da tradução do pensar, agir e sentir.** Na Educação presencial, a gente trabalha com **pensar, agir e sentir**. **Como é que a gente traduz isso pra o ambiente virtual?** Articulado isto como elemento central da pedagogia feminista. Como associa isto ao processo de elaboração coletiva.

### 5. Problema da evasão

Nas atividades presenciais, feministas dos movimentos e das organizações feministas, a taxa de evasão é muito pequena, mas nas virtuais, **a taxa de evasão é grande**. Na EaD, em geral, não apenas das feministas, mas dos cursos a taxa de evasão é altíssima. No caso, das que a gente faz, ela não confere nenhuma certificação, também não é paga. São elementos a distância, em geral. Em geral são pagas, confere certificação. O que a gente pensa, dialoga sobre este elemento da evasão?



**6. Problema da volatilidade do espaço virtual.** Ele é muito rápido, muito momentâneo. A memória se perde e a profusão de debates é muito grande. Não chega a ser esta coisa ansiosa e densa, que é uma página de Facebook, não chega ser isso, mas também é muito grande. A quantidade e a diversidade de questões que são apresentadas, uma atrás da outra, são muito grandes, sem que haja muito diálogo uma com a outra. E a memória de tudo isso é difícil de ser consolidada, ser sistematizada. Esta é uma questão para a EaD feminista Educação feminista que já também uma questão para a Educação feminista presencial, em geral. **Como sistematizamos nossas experiências?** Porque a gente fala sempre que aprendemos com as experiências, mas muitas vezes, as aprendizagens ficam registras àquelas pessoas, criaturas, mulheres, homens, que participaram e que ficam na experiência apenas. O que levar deste processo, fazer uma sistematização suficiente para que a gente possa transcender esse espaço, que se possa ensinar a muitos mais gente que não teve a oportunidade de participar dela.

### **Diálogo com as questões provocadoras: desafios para a EaD feminista**

- Mulheres ainda com grandes dificuldades de acessar as ferramentas tecnológicas, mesmo as mais jovens que acessam as aplicativos/redes sociais mais comuns (*WhatsApp, Facebook*), ainda têm problemas no uso da Plataforma Moodle.
- O tempo das mulheres no cotidiano. Como conciliar o tempo das mulheres X o tempo necessário para a formação na plataforma? Falta tempo e energia para um curso virtual.
- Mulheres populares sem a prática de escrever: dificuldade de falar para uma ferramenta, que não é pessoa. Eu gosto da plataforma e a forma que é feita, porque ela não me deixa apreensiva. Não há pressão para a conclusão das atividades (Você tem que amanhã terminar isto, diferente de outras plataformas). Como responder mais de 70 pessoas que estão lá [o fórum de debate]? Como interagir com tantas pessoas? Não tem um dispositivo para questionar minha coleguinha. **A gente se perde.**
- Mulheres sentem-se inseguras para falar/escrever; mulheres têm dificuldades de achar o lugar para escrever na plataforma; algumas mulheres não conseguem participar dos encontros presenciais. Resultados: depois do curso as mulheres ficaram mais empoderadas: falam e se posicionam nas reuniões.
- O curso EaD facilita a formação para várias mulheres, mas ainda não facilita para as mulheres rurais, para as mulheres das periferias. A tecnologia não chega a todas. Tem muitas mulheres de bairros que não têm acesso à internet, a tecnologia. Conhece um pouco o WhatsApp, mas a plataforma não.
- Os encontros presenciais são fantásticos. Ajudam as mulheres que têm dificuldades, em seu local, como mexer no computador e acessar a Plataforma Moodle.
- Como se dá o processo de construção pedagógica dentro do coletivo com a equipe ou com “eu-equipe”, ou seja, senão tiver uma equipe de educadoras só para pensar tudo? Como é essa relação de preparação, de pensar conteúdo, metodologia, a partir de uma experiência de uma delas que vocês trouxeram? É importante pensar sobre isto, porque o antes ele é definidor da estrutura e realização do curso.

- Como lidar com a superficialidade do mundo virtual? As coisas vêm em caixinhas e a informação já vem codificada. Perda da criticidade de ler coisas com mais substância, que nos levem a pensar. E este é o mundo virtual, o da velocidade, da superficialidade, da rotatividade, da temporalidade e a gente não pode esquecer que esta superficialidade e a exigência da gente responder neste tempo e movimento do mundo virtual, também adentra em nossos cursos, por mais que a gente queira trazer para o espaço da educação virtual a nossa percepção e compreensão da pedagogia feminista, que ela é reflexiva e requer tempo. E o tempo é o limite. Muitas vezes, este tempo bate de frente com a realidade das mulheres que trabalham, que tem outras dimensões de sua vida, de cuidados e de cuidados do outro e não de si.
- A questão da evasão. Você começa com um número X e termina com 50% desta participação. E essa evasão está muito relacionada, pelo que a gente viu, com a dificuldade de acesso de habilidade de mexer com esse mundo virtual, mas também de um comportamento. Um comportamento que é diferencial, do ponto de vista geracional, que é diferente porque é a velocidade que, às vezes, o curso me exige em responder no meu tempo de maturação. Do ponto de vista pedagógico, é um desafio para gente.
- Considerando a realidade das mulheres indígenas, como lidar com as diferenças entre as mulheres na pedagogia? Refletir como que a gente vai conseguir e levar para essas pessoas, tão diferentes da gente, questões, que também a gente, não tem respostas para elas. Com certeza, o conceito que eu trabalho de gênero, enfim de interculturalidade esta na base da construção de uma sociedade feminista. Partir da experiência de cada uma, do saber e do conhecimento a partir que cada uma tem, que as mulheres têm. Como que a gente vai dar, esse colorido tão diverso as questões que são tão iguais na vida e no mundo das mulheres? Será que a gente acessaria artigos de mulheres indígenas? Eu conheço alguns artigos, por exemplo, de mulheres indígenas que discutem algumas coisas e nunca a gente tem acesso a eles. Normalmente a gente acessa nossos artigos acadêmicos.
- Como equilibrar a formação com a vida cotidiana e com a situação financeira? Então quando Carmen trás esta pergunta sobre o “pensar, agir e sentir” esta muito misturado na minha realidade. Pensar, eu penso muito; sentir é um turbilhão de sentimentos, mas o agir tenho que voltar quatro passos para trás porque é muito difícil. O nosso cotidiano como mulher é muito difícil. Quando eu comecei o curso com minhas companheiras, logo de cara nas primeiras conversas a dificuldade primeiro é o acesso a ferramenta, porque a maioria das mulheres são periféricas ou que moram nas periferias ou em bairros aos redores não tem acesso a internet. Algumas que estavam no curso comigo, a maioria não tinha internet em casa. E, na conjuntura de hoje você tem que pesar na balança o que vai ficar, o que corta: a internet ou outra coisa? Então, que hoje o desafio da gente, dos cursos virtuais é como a gente pensar o fazer estes cursos a distância virtual com a realidade de nós mulheres hoje, nessa conjuntura. Eu só consegui acessar hoje o curso porque eu fui no SOS para acessar. A dificuldade é grande para acessar a ferramenta.
- Em relação à volatilidade – quando você não entra, já perde. Eu estava com o celular do trabalho, de madrugada, eu consegui acessar a plataforma. Antes eu fui ler apostila. Ler a apostilha, o papel complementa. Falta espaço adequado/concentração para acessar a plataforma: quem não tem a internet, não consegue acessar, não dá no trabalho, no ônibus porque você não se concentra. Você pode até acessar, mas ler o conteúdo é difícil. Importância de material impresso com os principais conteúdos do curso. Tendo o material ali,

você pega para ler. E os momentos presenciais são muito importantes... A gente pensar qual é a realidade deste público, pensar o conteúdo, mas não só acadêmico, mas conteúdos de experiências de outras mulheres, como as indígenas, quilombolas. Que seja um material tanto para o presencial como para o virtual, vai ajudar muito.

- Feministas que estão no Sul global, se articulam com outras mulheres e criam espaços estratégicos para enfrentar o cotidiano. **Desafios** é pensar conteúdos e metodologias para mulheres que não sabem ler. Há muitos textos; mulheres não têm acesso a internet e quando tem a internet é de pouca qualidade; as plataformas difíceis de acessar.
- Precisamos discutir e refletir sobre o que é fazer a Educação Feminista à Distância. O que significa isto porque a gente não se propõe fazer não só a formação virtual, mas também presencial. A formação acontece nos lugares das organizações, nos movimentos, de alguma maneira. Precisamos falar sobre o processo de formação presencial dos espaços virtuais dos nossos coletivos. Se o acesso a formação é tão grande, a gente precisa avançar junto com nossas organizações. Desafio muito grande de fazer formação feminista nos nossos territórios.
- É muito difícil concorrer com o WhatsApp porque a política dele é gratuita. O peso que ele teve na política dos países no mundo, especialmente, nas últimas eleições no Brasil, que não foi pouca coisa. Não está claro para gente os interesses destas grandes empresas. O papel do *Facebook*, de espalhar os *Fakenews*, as redes que foram criadas para espalhar notícias, qualquer coisa que tivesse impacto na política. Que interesses políticos destas grandes organizações? Que interesses elas têm na política do Brasil? A gente viu como foi nas últimas eleições. Mas a gente não tem a dimensão disso. Como lidar com o capitalismo na sua expressão virtual?
- Sobre **os textos de leituras**, a Lucia, utiliza 30 páginas a cada quinze dias. Na ULF a gente tem dificuldades de ler textos curtos, que sejam precisos e profundos ao mesmo tempo. A gente estabeleceu uma média de 3 a 6 páginas e, mesmo assim, eles ainda são acadêmicos. Eles ainda têm uma linguagem difícil. E a gente tem estes desafios. Também nos não somos um país de leitoras(es). E isto tem um impacto em nossa formação. Os vídeos – eu acho que a gente avançou. Nossos vídeos são legendados, mais isto tem um custo muito grande e eu não sei se os nossos vídeos são melhores para a plataforma da gente. Eu acho que a gente pode começar a investir em Áudio, que é uma possibilidade para espalhar porque vídeo tem um custo alto na dinâmica da realização. Foi muito difícil fazer vídeos nesta formação, então fazer isto sempre é um desafio imenso, ainda mais agora que YouTube exige mega produção e tem uma agência publicitária por trás... é muito difícil concorrer com eles.
- A experiência – a metodologia da ULF parte da experiência. Esse é o fundamento da nossa pedagogia feminista, mas ela parte de experiência para elaborar sobre coletivo. Geralmente nossas formações fazem esse caminho. E a gente percebeu que mesmo se não tivesse espaço, as mulheres iriam falar de si. Esse é um lugar profundamente de elaboração da escrita. A gente quando escreve como mulheres, a gente parte da experiência, do lugar que a gente está. Esse lugar também é importante. Esse lugar tem a ver com a privacidade de nossas vidas, tem a ver com o nosso entendimento do que é o mundo, de como a gente ressignifica isto na formação feminista. Só que a gente não pode abandonar o fazer coletivo. O processo de reflexão do que é o “agir coletivo”. O processo de reflexão do que é o “agir coletivo” precisa estar presente sempre. Eu acho um desafio compartilhado e que diferencia a gente das outras formações. E também talvez a escrita seja corporal, em algum sentido. Escrever

também é uma arte, mas também é uma ação. Escrever também é difícil. Estar sentada escrevendo também não é uma coisa fácil para muita gente. Parte de limitações físicas, parte também de sua experiência com o trabalho. Sentar para escrever é uma coisa que exige, pode cansar mais ou menos, mas é uma questão que a gente pode elaborar.

- Eu fiquei pensando sobre o que Leticia colocou, sobre como é o processo de preparação dos cursos. Aqui em vários momentos a gente tratou do problema olhando para quem está como participantes dos cursos: o tempo que a pessoa tem, as dificuldades que elas têm... enquanto podemos olhar para o outro lado. Qual é o tempo que a gente tem? A gente que está produzindo os cursos? A gente que está produzindo, facilitando os processos, quantas somos? Como que a gente pode lidar com o “pensar, sentir e agir”, de 74 mulheres ao mesmo tempo, se sou uma educadora e eu tenho apenas 2 horas por dia para ler e interagir com as respostas que as pessoas colocam? A formação feminista precisaria muito mais de nós que tivesse com este bastão na mão. O bastão de educadora. Isto não quer dizer estar no lugar de educadora, no curso, mas ao estar no curso, se relacionar umas com as outras, convidando uma as outras. O que a gente vê nos nossos cursos é que as pessoas colocam as coisas e se retiram. E quando a gente se coloca para dialogar com alguém também, do outro lado, não há na plataforma uma disponibilidade de voltar ali, a onde a pessoa já respondeu e dialogar conosco.

- A gente precisa de mais tempo para conversar com as pessoas, conversar fora da plataforma, mas e isto dentro de um universo do curso. A formação feminista tem que ser o cotidiano da nossa construção de política feminista, de força política feminista. Então, nós nunca vamos dar conta de tudo dentro de um curso. Mas se uma mulher que nunca fez uma análise de conjuntura escrita, ela entrar na nossa plataforma e ela escrever três parágrafos com a análise de conjuntura e expõe para outras 230 mulheres, isto é uma puta contribuição para ela e para todas nós. As vezes a gente fica amarrada em um formato e querer ter um começo, meio e fim redondo. Todo mundo, escrevendo, falando, intervindo, lendo, discutindo. Não é uma graduação e não sei o que, conclusão de cursos primários... A formação feminista é um processo contínuo sistemático que a gente está jogando para um ambiente virtual, mas que ela não tem que acontecer como nos outros espaços. Se nossos movimentos não investem em educação feminista e em uma formação feminista, não tem como em um curso virtual ou em qualquer processo de formação dar conta desta lacuna.

- Nós temos uma lacuna enorme, eu acho que nos ficamos muito tempo em uma dinâmica, não nos especificamente, no feminismo em geral, investiram em capacitações e os cursos para que a gente conhecesse mais isto ou aquilo, não nos permitiu fazer uma formação feminista. Essas duas coisas não andaram juntas. A inquietude de Veronica trás como e que eu faço com minha vida de mãe solteira, solo, sem tempo para os processos de educação também a formação não vai dar conta disto. Para nós mulheres priorizarmos a emancipação feminista, para o autocuidado é preciso ter tempo, por exemplo: é uma luta a emancipação de cada uma. Eu tenho esse direito e eu vou achar tempo para mim; eu tenho o direito de estudar e achar um tempo para mim. Ou se não dar tempo, vou fazer do jeito que der, mas eu vou fazer, o fato é, que os processos de educação a distância, eles permitiram a muitas mulheres, que jamais puderam fazer uma formação. Então eu acho que a gente faz um convite, quer dizer que isto faz mesmo muito sentido para formação feminista e não vamos nos angustiar com este universo fechado de cada curso.

- Sobre o que é mesmo educação feminista, formação feminista, se é uma coisa só, o que tem a ver uma coisa com a outra? Tudo que apresentamos aqui é feminista: A ULF, a experiência do Cotidiano Mujer, do Ciscsa é feminista. Os diálogos da AFM são feministas. Estas experiências estão voltadas para uma formação feminista, para uma formação do feminismo. A gente pode aprender muito uma com as outras, mas eles são diferentes... a estratégia do curso para mulheres feminista ... a estratégia feminista para policiais e a estratégia do curso para quem esta chegando elas vão por caminhos diversos.
- Há desafios e intencionalidades diferentes a depender das políticas. Quem faz o curso e pra que. Uma pedagogia feminista a distância para construção de movimento feminista tem desafios muitos diferentes para formação de gestão, de gestores ou policiais; de conteúdos que sejam a partir de uma perspectiva feminista. Ou seja isto tem outros desafios, neste sentido a fala de Elisa vai muito por aí, como assim avaliar se deu certo os processos de formação. Voce pode avaliar os processos de evasão, avaliar que as pessoas agora passaram no mestrado em algum tema, ou você pode avaliar que as mulheres estão mais confiantes para fazer falas em espaços públicos, quer dizer, ou que surgiram coletivos a partir dos cursos. São critérios de avaliação de êxito bem diferentes, a depender, da intencionalidade feminista, de quem define o que é preciso fazer uma formação em tal tema. Mas, também nos coloca outros desafios de como criar, por exemplo, um link afetivo entre as mulheres e rever este quadro de evasão, porque você faz uma forcinha a mais para ir para aquele momento de formação quando você conheceu outras companheiras, você trocou alguma coisa sobre você mesmo, então você acaba se envolvendo mais. Voce tem um compromisso afetivo e pode ser criado logo no começo.
- Sobre as questões de segurança digital: a privacidade, o que eu escrevo ali. Neste momento que a gente esta discutindo tanto a segurança digital e ao fazer este esforço, de trazer as vivencias, a experiência pessoal, para o debate, para a partir daí fazer uma elaboração coletiva, acho que tem uma questão relacionada a privacidade e a segurança digital que também precisa ser, pelo menos, o que acontece, na Plataforma Moodle. A gente precisa saber qual é o nível de exposição que você esta suscetível ali, naquele espaço. Estimular a interatividade entre as mulheres e colocar tarefas entre as mulheres participantes que não fazem a mediação das educadoras centralmente, mas que elas tem que falar o que aprenderam uma com as outras, enfim acho que tem varias formas de tentar operacionalizar isto do pensar, sentir e agir, da construção coletiva a partir de pequenas dicas: Lucia deu uma dica que é pegar o tema e falar como é que isto se aplica na sua vivência cotidiana. Mas tem outras possibilidades de pensar a criatividade também no processo. Pedir para que as pessoas tragam outras ideias para além do acadêmico, do que elas supõem do que é o esperado para o curso com estas mulheres sabidas. Trazer uma poesia, um áudio, ou um vídeo de si mesmas, acho que seriam outras possibilidades.
- Segurança digital - A Plataforma Moodle, a gente tem certificação, os dados pessoais que estão ali, a gente tem a certificação daquelas pessoas que estão escritas. Mas mesmo assim, a gente esta pensando sobre isto. Já tem um tempo que dar um retorno para a rede de colaboradoras e para as participantes. A gente esta ligada nisto, de estar construindo este diagnostico para dar um retorno.
- Sobre a questão da evasão e dos encontros presenciais e como a gente tem visto. Guacira colocou que esta metodologia teve impacto na diminuição da evasão, pelo menos em 30%, no curso do feminismo com quem esta chegando. A gente não sabe ainda como vai ser



agora, porque este curso política feminista e transformação social, ele está com uma configuração meio diferente, a participação está aquém do que a gente estava esperando em comparação ao curso anterior. Mas de qualquer forma eu acho, o curso presencial é assertivo porque ele está fortalecendo a perspectiva do coletivo e ele é tanto uma solidariedade que move estes grupos, estas mulheres se encontram para trocar experiências e dificuldades, a gente sabe que uma está ajudando a outra também. E isto é muito legal, porque a gente do suporte, da secretaria, na primeira semana do curso, porque são muitas dificuldades que elas têm, quanto a habilidade com a ferramenta. A gente sabe que isto é um fator que pode desmotivar, não é nem a questão de evadir. A pessoa desiste, antes de começar o curso. Porque ela encontra barreiras na entrada e isto complica o próprio processo para começar o curso. A gente tem buscado dialogar com todas, a gente pede sempre um feedback, de como está o acesso, de como está a articulação com as educadoras virtuais que também estão nesta busca, mas é um desafio também de não pressionar. A gente fica nesta linha tênue de não pressionar mais ainda as participantes porque administrar exige muito, mas ao mesmo tempo, a gente tem a preocupação de como ajuda-las para que elas não se desmotivem e a gente tenha a possibilidade de diálogo. Por exemplo, o aplicativo passou por uma atualização e aí a gente usou um passo a passo que está com base no aplicativo anterior. Quando fui olhar o passo a passo agora, para explicar para uma participante, eu vi que as coisas nas bolinhas estavam diferentes. Então a gente precisa estar neste movimento de sempre estar atualizando. Esta coisa que fica em cima e outras vezes em baixo, isto já dificulta, já é uma barreira. É um desafio de estar sempre atualizada no aplicativo. Mas acho que os encontros presenciais, dos coletivos, a gente pede para que as pessoas compartilhem como está sendo o acesso à internet e também o presencial por si só, ele faz uma diferença.

- Da experiência de vivenciar, eu que sou educadora velha, que não usava essas ferramentas, tenho muita dificuldade de usar a ferramenta, internet. Eu uso ainda caderno, cartolina, tarjetas. Eu prefiro minhas ações educativas assim. Pra você estar na frente da internet, do computador você tem que ter tempo para descobrir as várias coisas e, geralmente, a gente não tem este tempo. Além do tempo, não ter medo de quebrar a ferramenta. Eu já entrei duas vezes em processos de formação pela internet, pela universidade livre feminista, agora eu estou auxiliando minha coordenadora mor, ... Eu tenho observado que a gente tem uma possibilidade, que eu ainda não tinha... tem muitas pessoas que escrevem sobre o feminismo. A minha meta é buscar feministas. Do meu cotidiano o que eu tenho percebido da possibilidade das mulheres do encantamento de estar vivenciando no intercâmbio com outras mulheres que elas ainda não conhecem. O momento presencial dá esta possibilidade. A possibilidade da metodologia é dar é de recriar. De recriar a metodologia. A gente tem que potencializar o pouco tempo que a gente tem. Todo mundo tem pouco tempo, tem pouco recurso, por isto a gente tem que priorizar. Se a gente não priorizar a gente não vai sair do lugar que você está. E a gente tem feito esta conversa lá e inclusive, no momento presencial, a gente já fez uma conversa e detectamos que tem mulheres interessadas tanto... de fazer um presencial em dupla (fazer no sábado quando a mulher não pode ir no dia pensado). Isto é uma possibilidade de estimular e não afastar, principalmente para as mulheres do meio rural, a maioria das mulheres não tem o acesso à internet, computador... se tem computador, mas não sabe mexer sozinha. Intercambiar e fazer esta história com outras mulheres faz com que... O curso ajuda fortalecer o movimento na região. Eu sou uma pessoa que busca fortalecer o movimento feminista na região, porque quero que o mundo seja feminista mesmo. O movimento feminista, do qual a gente faz parte. Eu acho que tem uma grande questão que é a

historia do tempo das mulheres, mas mesmo com pouco tempo a gente precisa renegociar, conversar com as mulheres como que a gente pode usar este tempo melhor. Mas tem que ter algum tempo, não dar para não ter tempo. Se tem apenas meia hora, vamos aproveitar o máximo desta meia hora.

- Eu queria dizer uma coisa que ainda não havia dito, que tem a ver com que vocês vêm falando. O curso tem uma vida própria. No curso que a maioria não tinha acesso a internet, alguma se inteirou de baixar os materiais e comentava com suas companheiras. Uma companheira de Espanha se articulou com outra companheira de Cordoba. Há coisas no curso que não nos inteiramos o que se passa. Há coisas que é impossível de alcançá-las. Algumas vão armando estratégias de como usar a internet e também os dispositivos. ... Uma segunda coisa que entendo que a ferramenta do curso virtual é classista, ao mesmo tempo também, é uma ferramenta potente de transformação. Uma coisa que me dar muito medo é essa coisa do que é escrito, privativo, o que se mapeia das organizações. Ter todas as organizações mapeadas, as informações que circulam na internet. Esta coisa de escrever e ler, é outra questão que temos que pensar. Temos que construir outros materiais para além dos materiais acadêmicos.

- Pensando sobre os materiais do curso, como elegemos/escolhemos os materiais. Para mim, como estudante acadêmica, que materiais me servem? Para a mim, as questões pessoais me custam muito. Os espaços dos fóruns são espaços de intercâmbios, mas não se pode exigir tanto, como algo obrigatório... a estrutura sempre foi flexível. Se não faz, não se passa nada, porque se incentiva a motivação, Então a estrutura serve como uma segurança para o controle dos tempos, mas não pode ser algo rígido. Não podemos trabalhar com uma hierarquia do acadêmico e da produção dos coletivos. Temos que trabalhar com esta mistura das produções acadêmicas com a produção dos coletivos, que necessariamente tinham uma forma acadêmica. Se buscou articular o conhecimento não só pelo racional, mas também o emocional foi importante, por exemplo, trazer o sentimento.